



Departamento de Cultura, em parceria com o  
Departamento de Educação da  
Prefeitura Municipal de Bueno Brandão, apresentam

# FOLCLORE DE BUENO BRANDÃO

Histórias, lendas, mitos e personagens que se tornaram folclóricos em Bueno Brandão,  
revelados em pesquisas feitas por alunos do 4º ano da Escola Municipal Professor Paulo José Andery

*Tei Tei*



*Teresa Preta*



*Maria do Saco*



*Dito Caroço*



*Fotos: Mauro Santos*

Folclore é o conjunto de costumes, mitos, lendas, superstições e tradições de um povo, passado de geração para geração.

Algumas histórias nascem da pura imaginação das pessoas principalmente pelo interior do Brasil, criadas para passar mensagens importantes ou apenas para nos deixar curiosos, intrigados.

Em nossa cidade também há histórias, lendas, mitos e personagens que se tornaram folclóricos.

Através das pesquisas feitas pelos alunos do 4º ano da Escola Municipal Professor Paulo José Andery, vamos conhecer um pouco mais sobre o rico folclore desta cidade.

Só assim poderemos transmitir a sabedoria e as tradições de nossos antepassados para as próximas gerações.



## **FOLCLORE DE BUENO BRANDÃO**

Esta coletânea de textos é parte da exposição Folclore de Bueno Brandão, realizada pelo Departamento de Cultura, em parceria com o Departamento de Educação, e Educação, em agosto de 2017. O dia 22 de agosto foi escolhido para se comemorar o folclore, pois foi nesta data que, em 1846, o inglês William John Thoms criou a palavra “folklore”, unindo os termos “folk”, que significa povo e “lore”, que quer dizer sabedoria. A transformação do termo, da língua inglesa para a portuguesa, resultou na palavra folclore, significando a união da sabedoria popular com o imaginário das pessoas, formando as tradições de um povo e um importante aspecto de sua cultura.

▪

**Nossos agradecimentos a todos os professores, alunos e seus familiares, que contribuíram para a realização desta pesquisa, ajudando a resgatar e divulgar o nosso folclore.**

▪

Arte, diagramação e redação final: Departamento de Cultura  
da Prefeitura Municipal de Bueno Brandão – Diretor de Cultura: Gerson Rossi  
Administração 2017-2020

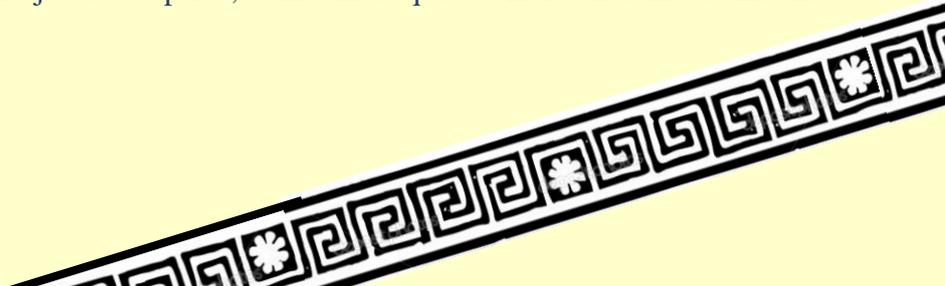


## A DAMA DA NOITE

Conta-se que aqui em Bueno Brandão, há muitos anos, uma falecida foi enterrada com seu vestido de noiva e, desde então, aparecia como assombração, à noite, para os homens que caminhavam sozinhos. Todos a chamavam de Dama da Noite.

Nessa época, havia um clube onde os homens se reuniam para jogar baralho, na Praça Coronel Bueno. Como ainda não havia energia elétrica na cidade, o jogo acabava cedo. Mas numa certa noite enluarada, os jogadores se empolgaram, jogando até mais tarde.

Um deles morava perto da praça Virgílio de Melo Franco. Ao sair da casa de jogos, olhando para cima, em direção à Avenida Bom Jesus, avistou um vulto branco e lembrou-se da Dama da Noite. Assustado, subiu correndo a Rua Direita (Rua Barão de Campo Místico), olhando para trás. De repente, a noite enluarada ficou escura. Chegando na esquina da Rua Alzira de Araujo, olhou para cima e viu a mulher vestida de noiva. Correu ainda mais. Ao chegar na esquina da Rua Capitão Eduardo Carneiro, viu que a criatura já estava perto, com um buquê de flores nas mãos. Ela não andava, e sim flutuava.



Sentiram a ventania invadir a casa. Apavorados, todos se trancaram no quarto do casal e lá ficaram. Quando amanheceu, a porta da cozinha estava intacta, fechada e, sobre a mesa, havia um buquê de flores.

Essa história é contada há muitos anos por vários buenobrandenses, e foi testemunhada por todos da família.

**Pesquisa dos alunos do 4º ano**  
**Professora Roseli Alves de Lima Freitas**  
**Escola Municipal Professor Paulo José Andery**

*Nas aventuras do Sítio do Pica Pau Amarelo, do escritor Monteiro Lobato, os personagens Pedrinho, Narizinho e Emília gostavam muito das histórias que sua avó, Dona Benta, lhes contava. Converse com seus pais e com seus avós, pois eles devem ter muitas histórias para lhe contar.*



## HISTÓRIA QUE VOVÓ CONTA

Minha avó sempre conta histórias de sua mãe, que morava no Pinhalzinho dos Góes, onde aconteceu o casamento de uma jovem que, depois de casada, teve seu primeiro filho e, juntamente com seu marido, ia sempre visitar seus pais.

Certo dia, no caminho, o marido disse que precisava ir no mato e pediu que o esperasse ali. A mãe ficou esperando com o bebê, que estava coberto com uma manta vermelha. De repente, veio um cachorro grande, peludo, que pulou na moça para tomar a criança de seu colo. Desesperada, subiu na porteira para proteger o bebê e a si mesma. Gritou para Nossa Senhora guardar o seu bebê e, neste momento, o cachorro foi embora. Após alguns instantes, o marido voltou e a esposa contou-lhe o que havia acontecido. Tranquilo, ele disse que cachorro faz assim mesmo. E continuaram a caminhada.

No outro dia, após o almoço na casa dos pais, enquanto todos conversavam, rindo e se divertindo, o pai da moça percebeu algo estranho: nos dentes de seu genro havia muitos fios vermelhos. Descobriu-se, então, que o pai da criança era um lobisomem e havia atacado seu próprio filho.

**Pesquisa da aluna Carina Geovana de Loura - 4º ano**  
**Professora Danielle Gonçalves - Escola Municipal Professor Paulo José Andery**

## MEMÓRIA DE ZÉ ANDRÉ

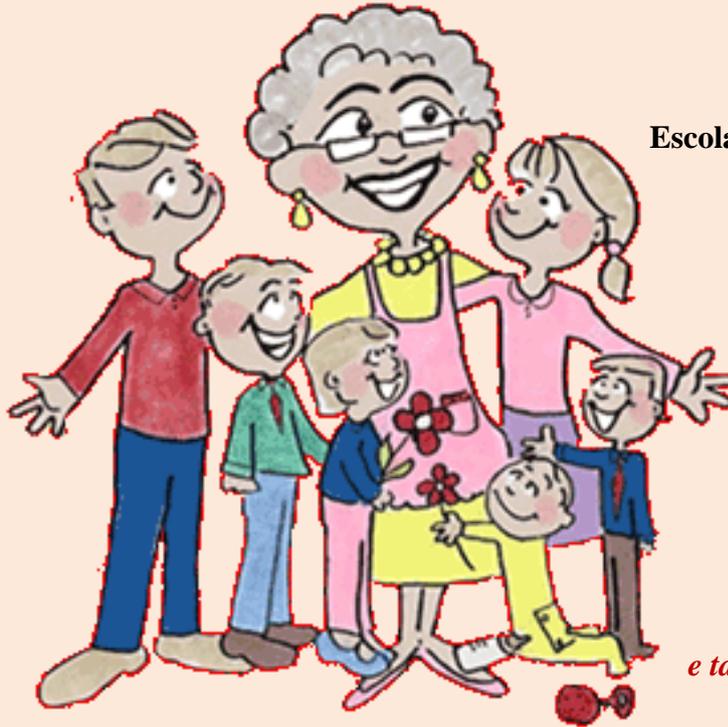
*“Pessoas passam na vida da gente e muitas delas deixam marcas, como Zé André, de quem vou contar um pouquinho a sua história de vida”*, dizia meu pai.

Há muito tempo mudou-se, com sua mãe Polina, um moço conhecido como Zé André, pele escura e muito simples. Mãe e filho vieram de Tocos do Mogi para a Boa Vista dos Barbosa.

Logo que já estavam morando no bairro, numa determinada tarde, como sempre acontecia, passou um avião. Polina e Zé André, em sua simplicidade, quase morreram de medo. Pensaram que o mundo iria se acabar. Nervosos e assustados, começaram a comer açúcar. Após algumas horas, ao saberem que era apenas um avião muito barulhento, já não havia mais açúcar na lata. Eram tão pobres e humildes, que ficaram sem açúcar para fazer café, sobrando apenas uma dor de barriga.

Mãe e filho viviam de favores de quem lhes pudesse ajudar. Após sua mãe falecer, Zé André ficou sozinho, vagando pelas casas das pessoas. Tinha uma excelente memória: sabia o nome completo dos filhos das famílias por onde passava e suas respectivas idades. Falava consigo mesmo e gostava de cantar. Para vê-lo bravo, bastava chamá-lo de Zé Coco, apelido do qual não gostava. Não era muito de tomar banho e seu companheiro se chamava Bidu, um cachorrinho vira-lata. Vinha sempre à pé para a cidade, pois não andava de ônibus.

Ficando mais velho, sem condições de se cuidar, foi trazido para o Recanto Santa Luzia  
Através de sua certidão de nascimento, soube-se que ele viveu mais de 100 anos, e deixou saudades.



**Pesquisa da aluna Leticia Silva Teixeira  
4º ano – Professora Danielle Gonçalves  
Escola Municipal Professor Paulo José Andery**

*Respeite e dê atenção às pessoas  
mais idosas.  
Elas já aprenderam muitas coisas  
que você ainda não aprendeu  
e já passaram por experiências  
que nem imaginamos.  
Conversando com elas,  
podemos nos divertir com suas  
histórias, aprender muito  
e também lhes ensinar o que sabemos.*

## A CRUZ DE CEDRO

Contava minha tataravó que, na fazenda em que morava, no bairro hoje conhecido como Bairro dos Coutinhos, havia muitas plantações de cana de açúcar e muito café, tudo cuidado por escravos. Um dia, por uma distração, um dos escravos teve o seu braço arrancado no engenho.

O braço foi enterrado e, junto dele, foi colocada uma cruz de cedro. Passado algum tempo, notaram que a Cruz de cedro estava brotando. Os anos se passaram e uma bela árvore se desenvolveu. Até pouco tempo, a árvore encontrava-se no mesmo local e desde aquela época, todo ano, no dia três de maio, dia de Santa Cruz, tornou-se tradição rezar um terço no local.

Minha mãe conta que minha tataravó havia feito um pedido à família para que construíssem uma igreja naquele lugar. Esse pedido foi sendo comunicado de geração em geração até que, recentemente, foi construída a igrejazinha tão sonhada de minha tataravó.

Até hoje, a história vem sendo contada e todos garantem que é real.

### **Pesquisa dos alunos**

**Nilmar Expedito dos Santos – 4º ano – Professora Claudinéia Maria Furquim  
e Mateus Pinheiro de Souza – 4º ano – Professora Roseli Alves de Lima Freitas  
Escola Municipal Professor Paulo José Andery**

## MARIA DO SACO

Chegou em Bueno Brandão , há muito tempo, uma senhorinha pequena, olhos cor do céu, cabelo esbranquiçado, blusa esfarrapada, saco nas costas, chinelinho nos pés ou, muitas vezes, pés descalços. Ninguém sabia o seu nome, sua idade, de onde tinha vindo e pra onde ia. O povo começou a chamá-la de “Maria do saco”, pois não largava do saco das costas. Certamente, ele representava um pouco de sua história de vida.

Gostava de tomar uma pinguinha e, quando bebia demais, caía pelas ruas da cidade. Mas era uma mulher boa, quieta, que não fazia mal a ninguém. Queria apenas ganhar um prato de comida e ser respeitada. Minha avó Vicentina, já falecida, contava que as crianças tinham muito medo da Maria, mas ela só ficava brava quando mexiam com ela, através de xingamentos e zombarias.

Era difícil saber sua idade, pois não tinha documentos. Somente quando foi morar no Recanto Santa Luzia, pesquisaram sobre sua família e sua terra natal. Diziam que Maria do Saco passou a perambular depois que perdeu uma filha.

Viveu por muitos anos dessa maneira: sem ter onde morar, onde comer, andando pra lá e pra cá. Tornou-se uma figura folclórica de nossa cidade pelas lembranças que nos deixou.

## MARIA DO SACO

Pelas ruas da cidade  
Lá vem ela...  
Com olhos azuis cor do céu,  
Pele alva, pituca no cabelo,  
Saia de tergal, camiseta rasgada  
Pés no chão.

Crianças correm com medo,  
Medo de serem pegas por ela,  
Mas ela só queria um prato de comida,  
Uma xícara de café  
Ou algo para colocar no saco.

Deixando a embriaguês  
tomar conta de seu ser,  
nos botecos da cidade onde vivia  
lá se foi, deixando lembranças.  
Virou a lenda: Maria do saco.”



*(foto de Mauro Santos)*

**Pesquisa feita por alunos da  
Escola Municipal Professor Paulo José Andery  
Página 09: Brenda Oliveira de Almeida e João Carlos  
4º ano – Professora Claudinéia Maria Furquim  
Página 10: Dandara Proencio da Costa – 4º ano  
Professora Silvana Aparecida Noveti Oliveira**

## O MISTÉRIO DA PORTEIRA

Há muito tempo, no bairro Boa Vista dos Barbosa, quando Bueno Brandão ainda era distrito de Ouro Fino, já se contava a história de uma porteira misteriosa.

Meu bisavô era um jovem bonito e elegante. Para visitar minha bisavó, quando ainda eram namorados, havia uma grande porteira no caminho, que ele sempre fechava com o trinco, após passar por ela. Depois de fazer várias vezes aquele trajeto, percebeu que a porteira estava sempre aberta, apesar de ele ter fechado. Numa noite, após fechar a porteira por mais de uma vez, e a ela voltar a se abrir, meu bisavô ficou irritado e começou a xingar. Foi quando escutou uivos vindo da mata. A lua desapareceu e ele sentiu um vulto passar ao seu redor. Tremendo de medo, saiu correndo em disparada. Ao chegar em casa, fez uma cruz na porta e correu para o quarto. Nada lhe aconteceu mas, no dia seguinte, havia vários arranhões na porta.

Até hoje ouve-se falar do mistério da porteira.

### **Pesquisa do aluno**

**Guilherme Henrique de Castro – 4º ano**

**Professora Roseli Alves de Lima Freitas**

**Escola Municipal Professor Paulo José Andery**



## O HOMEM QUE NÃO TINHA CABEÇA

O meu avô Benedito foi quem me contou essa história da Sexta-Feira da Paixão. Aconteceu com ele mesmo.

Ao voltar da casa de sua namorada, viu um homem deitado perto de uma paineira. Achou que fosse seu primo, bêbado e ia levá-lo até sua casa. Quando se aproximou, viu que o homem estava com os pés e os braços trançados e o pior, não tinha cabeça. Assustado, correu para casa. Chegou gritando para que sua mãe abrisse a porta. Ao entrar em casa, caiu desmaiado de tanto susto. Sua mãe acendeu a luz de querosene e acudiu o filho com um chá, para que se acalmasse.

Depois deste dia, ele nunca mais passou sozinho pela paineira, após anoitecer.



*Olá!  
Eu sou o Saci!  
No folclore do  
Brasil, eu sou um  
dos mais  
conhecidos!*

**Pesquisa da aluna Maria Fernanda Rodrigues  
4º ano - Professora Danielle Gonçalves  
Escola Municipal Professor Paulo José Andery**

## A NOIVA DE BRANCO

Uma jovem moça, que sempre sonhou em se casar, ficou noiva. Estava radiante com seu casamento marcado. No dia da cerimônia, seu noivo disse que não queria mais se casar com ela. A noiva ficou tão transtornada que o noivo, apavorado, ateou fogo na jovem. Ela ficou vários dias internada, deitada num colchão de água. Sentia muitas dores e gritava bastante, até que não suportou e morreu. Dizem que os funcionários do hospital até hoje ouvem seus gritos incessantes e que a moça ainda ronda aquele quarteirão.

**Pesquisa da aluna Mariana Rita Ribeiro**  
**4º ano - Professora Danielle Gonçalves**  
**Escola Municipal Professor Paulo José Andery**

*A Mula sem Cabeça é outro personagem muito conhecido do folclore brasileiro. Um mito que surgiu no interior do Brasil, sobre uma mulher que teve um romance com um padre. Como castigo, em todas as noites de quinta para sexta-feira é transformada num animal que galopa e não tem cabeça, soltando fogo no lugar dela.*



## AS IRMÃS BRIGAGÃO

Chiquinha e Dália, duas irmãs de família nobre de Bueno Brandão. Eram cultas e falavam corretamente o português. Quanto talento possuíam! Costuravam, bordavam, faziam pinturas, artesanato, tocavam piano, além de seus dotes culinários. O que as irmãs mais gostavam era de criar animais. Moravam um pouco afastadas da cidade, cuidavam da horta e faziam queijos .

As duas irmãs eram muito queridas e graças à bondade delas é que hoje temos o nosso hospital, pois foram elas que doaram o terreno para a sua construção.

O bairro Brigagão, aqui de nossa cidade, recebeu esse nome em homenagem às duas irmãs generosas, simples e humildes: Chiquinha e Dália Brigagão.

**Pesquisa da aluna Gabrieli Ribeiro da Veiga - 4º ano**  
**Professora: Claudinéia Maria Furquim**  
**Escola Municipal Professor Paulo José Andery**



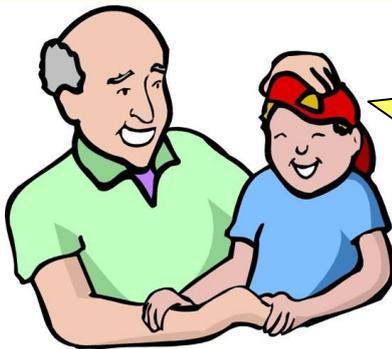
## O TREM DA MEIA NOITE

15

Minha mãe relata que os antigos costumavam alertar as crianças sobre os perigos da noite e, para amedrontá-las, contavam histórias de assombração.

Diz ela que seu tio e seu avô pediam às crianças que não saíssem sozinhos à noite e, se desobedecessem, iriam presenciar a tormenta provocada pelo trem da meia noite, com um som que lhes causaria muito medo, fazendo o chão tremer e uma forte luz iria clarear a escuridão da noite.

As crianças ficavam muito assustadas e pálidas. Os adultos que lá estavam confirmaram o caso, contando que três primos seus duvidaram e saíram vagando pela noite. Dois deles foram levados pelo trem da meia-noite e nunca mais foram encontrados. Somente um se salvou.



*Meu avô já me  
contou muitas histórias  
de suas aventuras  
quando ele era criança.  
Peço para o seu avô  
contar as histórias dele  
pra você!*

**Pesquisa do aluno  
Hícaro Gabriel de Castro  
4º ano  
Professora Danielle Gonçalves  
Escola Municipal  
Professor Paulo José Andery**

## UM CASAL IDOSO ASSOMBRA A VILA

Na vila, morava um casal de idosos. Um dia, começou uma encrenca com um vizinho por causa de um porco. O conflito foi tanto que o senhor vizinho, enraivecido, matou o casal de idosos. Contam que, pelo casal ter morrido antes de sua hora, começaram a assombrar a vila.

**Pesquisa da aluna Michele Moreira da Silva - 4º ano**

**Professora Roseli Alves de Lima Freitas - Escola Municipal Professor Paulo José Andery**



*Eu estou escrevendo a história que meu avô me contou, de quando ele era criança. Assim eu não vou me esquecer dela e vou poder contar essa história pra você!*

*E eu estou escrevendo uma história que aconteceu comigo. Quando eu tiver filhos, eles vão ler a minha história!*

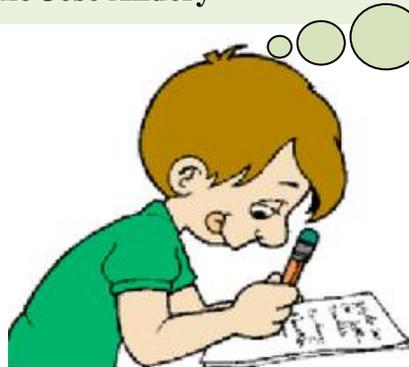
Meu pai conta que há muito tempo, bem à noitinha, minha avó foi visitar sua comadre, que estava muito mal. Na volta, viu um homem de branco e pensou que era o seu compadre. Tentou alcançá-lo, mas o homem desapareceu no meio do mato. Minha avó correu para casa, assustada. Ela sempre contava esse acontecimento, pedindo para que ninguém passasse por aquele lugar à noite.

**Pesquisa da aluna Maria Letícia Rodrigues**

**4º ano**

**Professora Roseli Alves de Lima Freitas**

**Escola Municipal Professor Paulo José Andery**



*Vou enviar essa história para o Departamento de Cultura. Quem sabe ela pode estar no próximo livrinho. Vou falar com a minha professora.*



## A MULHER E OS CARROS

19

Quem não ouviu contar o caso da mulher que entra nos carros? Isso acontece aqui na nossa cidade, na subida da serra. Uma mulher da Boa Vista, que andava muito de carona, depois de falecida, começou a aparecer na pista, na subida da serra. Ao passar pela estrada, o carro desliga sozinho, a porta se abre e a mulher entra e se senta, acompanhando a viagem do motorista. Sem que o motorista perceba, ela sai quando quer. Por isso, muitas pessoas jamais passam sozinhas na subida da serra, com medo da companhia dessa senhora.



**Pesquisa do 4º ano**  
**Professora Roseli Alves de Lima Freitas**  
**Escola Municipal Professor Paulo José Andery**

*Há muitas histórias de fantasmas e assombração que os mais idosos contam. Sabe por que? Antigamente, a maioria das pessoas morava na zona rural, sem energia elétrica. Não havia televisão, internet e ao sair de casa, à noite, no escuro, a imaginação e o medo criavam histórias fantásticas. Será que eram de verdade? Ou tudo invenção?*

## SETE FILHOS... SETE FILHAS...

Esta história vem sendo passada de geração em geração.

Minha bisavó contava que, antigamente, as famílias tinham muitos filhos. Mas havia uma grande preocupação quando nasciam sete homens. Nesse caso, o primeiro filho tinha que batizar o caçula, para evitar que o mais velho virasse lobisomem.

Assim também era feito com a filha mais velha, para que não virasse bruxa.



**Pesquisa do aluno Marcos Paulo Ribeiro da Silva**

**4º ano**

**Professora Roseli Alves de Lima Freitas**

**Escola Municipal Professor Paulo José Andery**

*E na sua família?*

*São sete irmãos?*

*São sete irmãs?*

Quando os primeiros colonizadores chegaram em Bueno Brandão, encontraram algumas tribos indígenas, principalmente Caiapós e Carajás. Um dos locais onde habitavam índios era o pico dos Dois Irmãos. Sobre ele, havia uma lenda baseada em depoimentos de pessoas mais antigas do lugar, que afirmavam ter visto bolas de fogo saindo de um paredão de pedra nos dois lados desse monte, e caindo nos arredores.

Dizem que havia uma toca que foi habitação ou esconderijo de índios, onde foram guardados potes de ouro. Apesar das dificuldades de acesso ao local da gruta, muitas pessoas já estiveram lá, procurando o ouro, sem nada descobrirem.

**Pesquisa da aluna Aline Maria Silva Adami**  
**4º ano**  
**Professora Maria Lúcia Coutinho dos Santos**  
**Escola Municipal**  
**Professor Paulo José Andery**



## A LENDA DO PADRE

Certa vez, existiu um padre que pensou ter chegado a sua hora de morrer, pois pegou uma doença no navio que transportava os aventureiros vindos da Europa, atrás de ouro.

Naquela época, por aqui, existia somente o caminho dos tropeiros que passavam pela Pedra Fria, hoje um ponto turístico e histórico no caminho para o Cristo. Após fazer sua oração, o padre se deitou voltado para a pedra, e adormeceu abraçado à imagem que trazia. Quando acordou, na madrugada, teve a vista do campo que ficava atrás dele e achou que havia sido curado por um milagre, naquele campo místico. Por agradecimento, deixou a imagem que acredita-se ser a mesma do padroeiro, Bom Jesus da Pedra Fria.

**Pesquisa da aluna Ísis da Costa Fróes – 4º Ano  
Professora Maria Lúcia Coutinho dos Santos  
Escola Municipal Professor Paulo José Andery**



*A primeira imagem do Bom Jesus de nossa cidade, trazida pelo português Patrício José Joaquim de Miranda, encontra-se hoje na Capela do Bom Jesus, no Bairro dos Rodrigues, e é um patrimônio histórico e cultural.*

Muitas pessoas desse Campo Místico, inclusive minha avó, contam que daqui subia uma bola de fogo, que surgia à tardezinha. Surgia por detrás das montanhas e seguia voando atrás das pessoas despertando medo e também curiosidade.

A beleza dessa cidade não está apenas no que podemos ver. Está também naquilo que ouvimos a respeito de suas histórias, com seus mistérios escondidos nos olhos e no imaginário das pessoas que aqui residiam.

**Pesquisa do aluno Douglas Ferreira Nogueira  
4º ano - Professora Maria Lúcia Coutinho dos Santos  
Escola Municipal Professor Paulo José Andery**



## PEDRO BURACO

Conta meu pai que, quando era pequeno, as pessoas falavam de um homem chamado Pedro Buraco, um andarilho. Quando uma criança não queria obedecer, os pais falavam: “Se você não obedecer, o Pedro Buraco vem te buscar”.

Mas certo dia, disseram que Pedro Buraco apareceu esvaçalhado por um lobo.

**Pesquisa do aluno Henrique F. Rocha**

**4º Ano**

**Professora**

**Maria Lúcia Coutinho dos Santos**

**Escola Municipal**

**Professor Paulo José Andery**

*Cada país do mundo tem o seu próprio folclore, assim como o Brasil.*



*Se apenas em Bueno Brandão já temos tantas histórias que fazem parte do folclore, já imaginou no mundo inteiro, quantas histórias diferentes e curiosas existem?*

## A ILHA MISTERIOSA

Isso é uma história real.

Conta meu avô que, há muito tempo atrás, ele e seus irmãos foram pescar no famoso Pilão de Pedra, que fica no rio das Antas: Alfredo, Sebastião, João e também seu filho mais velho, ainda moleque, com seu cachorro de estimação, um pastor alemão.

Nesse local, há uma “ilha” onde eles nunca haviam entrado. Um dos irmãos queria ver o que havia nela. Tio Alfredo pulou no rio, mas o cachorro pulou na frente e entrou na ilha. Deu alguns latidos e voltou antes mesmo que meu tio chegasse até lá. Quando tentou subir o barranco, o cachorro pulou em seu peito, não o deixando seguir adiante.

Todos tentaram entrar, mas o cachorro não permitiu. Quanto mais meu avô insistia, mais violento o cachorro ficava. Todos ficaram com medo e voltaram pra casa sem saber o que havia por lá. Depois disso, nunca mais entraram no local.

**Pesquisa da aluna Laís Nogueira da Silva - 4º Ano**  
**Professora Maria Lúcia Coutinho dos Santos**  
**Escola Municipal Professor Paulo José Andery**

## ZÉ BAGUNÇA

José Coutinho dos Santos Júnior, o “Zé Bagunça”, nasceu em 01/04/1931 aqui em Bueno Brandão, e nos deixou em 2010. Foi caixeiro viajante, tropeiro, comerciante... Trocava mercadorias: bananas por galinhas, juntava latinhas, fazia balaios com taquara, vendia feijão e outras mercadorias.

Saía negociar a pé ou no seu carro velho. Gostava de uma festança, em especial da festa junina em louvor aos santos Antônio, Pedro e João, sempre acompanhada da “reza” do terço. Mantinha a família com seu trabalho e esta apoiava suas ideias.

Sua popularidade se estendeu às cidades vizinhas de Ouro Fino, Inconfidentes e Socorro. “Seu Zé” era alegre, falava alto, contava “causos”, tinha muita amizade e era querido por todos. Seu apelido veio das tantas atividades que fazia.

Começou a comemorar as festas em honra aos santos juninos, em sua casa, na Rua Califórnia, onde era rezado o terço e em seguida vinha a tradicional quadrilha e distribuição de comidas típicas, sem cobrar nada, pois ele pedia doações. Esse costume transformou-se no “Arraiá Do Zé Bagunça”, que já é festejado há 29 anos. Podemos dizer que o “Zé Bagunça” se tornou uma importante figura folclórica de Bueno Brandão.



Pesquisa da aluna Lana Lima Castro - 4º ano  
Professora : Silvana Aparecida Noveti Oliveira  
Escola Municipal Professor Paulo José Andery

*Neste ano de 2017,  
o Arraiá do Zé Bagunça  
foi reconhecido pelo IEPHA (Instituto  
Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico)  
como um patrimônio cultural de Minas Gerais.  
Isso foi um reconhecimento  
muito importante para essa festa,  
que é tão tradicional em nossa cidade,  
e se tornou parte de nossa cultura.*



# Arraiá do Zé Bagunça

*Em 2018, a festa comemora 30 anos de história, tradição e cultura.*

## PEDRO BURACO

Na casa onde meus avós moravam, no bairro Cafundó, havia morrido um homem. Um dia meu avô cavou, com a enxada, o lugar onde estava a cruz do homem que morreu. Quando a noite chegou, minha avó viu alguns bois comendo milho. Meu avô foi verificar, mas nada viu. Ao voltar, veio uma forte ventania atingindo a casa, que só parou à meia noite, quando o vento fez uma pedra atingir o olho do cachorro, que sangrou.

Minha avó então pediu a meu avô que fizesse outra cruz, para evitar que aquela ventania se repetisse. No dia seguinte, meu avô assim o fez.

Um dia depois, eis que surge na nova cruz, a inscrição: “Não mexa em nada que é do morto”.

**Pesquisa da aluna Laiane Aparecida Rodrigues**

**4º Ano**

**Professora Maria Lúcia Coutinho dos Santos**

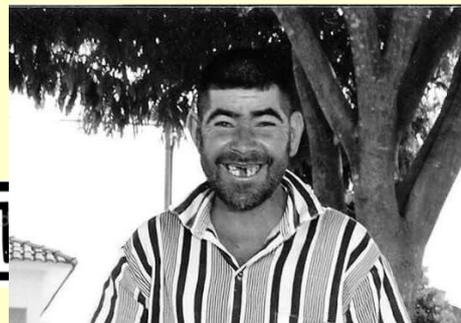
**Escola Municipal Professor Paulo José Andery**



Benedito de Lima, carinhosamente conhecido como Dito Carçoço ou Carocinho, nasceu e viveu aqui em Bueno Brandão. Era querido por todos, pelo fato de ser uma eterna criança. Muito comunicativo e simples, entrava nas casas de todos os moradores onde tomava seu café com leite sempre levando notícias. Tinha medo da morte, por isso, quando morria alguém, saía comunicando a todos quem era o falecido, acrescentando a frase: “gente ruim não morre”.

Algumas pessoas o aborreciam, chamando-o de lobisomem, o que o deixava muito irritado. Era gente boa, inocente, gostava de participar da procissão de Domingo de Ramos, onde carregava um ramo enorme. Andava muito por toda cidade e contagiava as pessoas com sua alegria. Infelizmente, não está mais entre nós. Contam que alguém o assustou enquanto catava pinhão no pasto e morreu pouco depois. Será sempre lembrado com carinho, como uma lenda, transmitida de geração a geração.

**Pesquisa do aluno Marcos Antônio de Moraes**  
**4º ano - Professora Silvana Aparecida Noveti Oliveira**  
**Escola Municipal Professor Paulo José Andery**



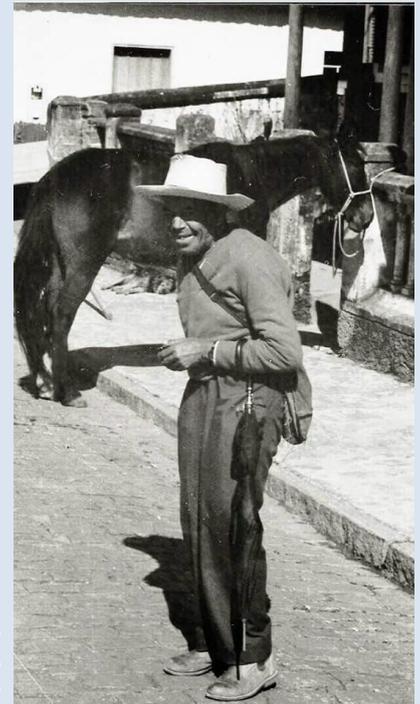
**Foto:**  
**Mauro**  
**Santos**

## ”TEI TEI”

Luziano era seu nome, apelidado Tei Tei. Esse homem é um mito no meu bairro: Boa Vista dos Pedros. Era conhecido por falar muito a palavra “tei tei”. Tudo que as pessoas lhe falavam, ele repetia: tei tei. Então lhe diziam: - Luziano, solta foguete! E Luziano repetia: - Tei tei!

Ia à casa dos outros geralmente no horário das refeições e, se convidado a comer, só aceitava carne. Minha avó conta que ficava brava com ele, porque só comia carne, deixando o arroz e feijão no prato. Ela conta também que ele era uma pessoa muito boa, só não gostava de trabalhar. Gostava de ir a cidade fazer compras para os conhecidos. Foi uma tristeza para os moradores do bairro quando o encontraram morto, em sua casa. Ficou a lembrança de uma pessoa festiva, que reproduzia o som de foguetes: Tei tei!

**Pesquisa da aluna Heloísa Coutinho Pereira - 4º Ano**  
**Professora Silvana Aparecida Noveti Olivera**  
**Escola Municipal Professor Paulo José Andery**



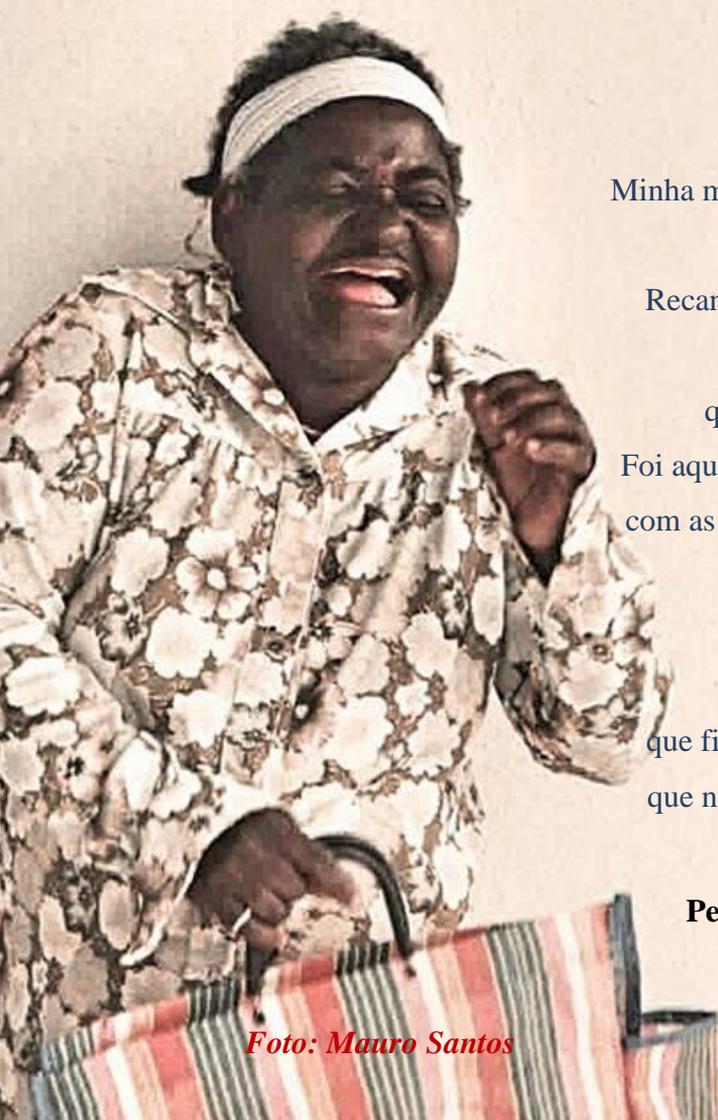
**Foto:**  
**Mauro**  
**Santos**

## DONA TERESA

Minha mãe conta que, quando criança, uma senhora carinhosamente conhecida como Teresa Preta, vivia nas proximidades do Recanto Santa Luzia. Tinha pele negra, com lábios tão vermelhos que parecia usar batom. Era uma mulher boa, forte, que nunca fez mal a ninguém e tinha uma risada contagiante. Foi aqui que viveu e criou seus filhos. Minha mãe sempre acordava com as risadas da dona Teresa, que subia a rua na maior felicidade. Era muito bom acordar com suas risadas sem maldade, que tornavam o dia mais belo e abençoado. Gostava de uma boa conversa. Dizia que ia passear na Europa, que ficava logo ali, depois do Pinhalzinho. Era só pegar o ônibus, que num instante chegava lá. Fica a eterna saudade dessa senhora que alegrou muita gente: Teresa Preta.

**Pesquisa da aluna Clara Elisa Cândido Rodrigues - 4º Ano**  
**Professora Silvana Aparecida Noveti Oliveira**  
**Escola Municipal Professor Paulo José Andery**

*Foto: Mauro Santos*



## UM MITO DE BUENO BRANDÃO

Há muitas histórias conservadas em nossas mentes, como deste ser humano que se tornou um mito muito importante para nós: Paulo José Rosa, o "Paulão", nosso avô, nascido em Mirassol, no Estado de São Paulo.

A família veio para cá quando ele ainda era um bebê, e se instalou no Bairro Sertãozinho. Era o mais velho de 12 irmãos. Família grande, de poucos recursos. Só aos 14 anos Paulão usou um calçado nos pés, quando concluiu o primário. Prestou serviço militar e trabalhou na Oficina Brasil, seus primeiros passos como mecânico de automóveis. Já com experiência, abriu sua própria oficina mecânica pioneira: Mecânica do Paulão que, segundo o saudoso Caboclo Neco, radialista de nossa terra, era "a tira prosa do enguiço".

Ajudou na construção da capital Brasília, trabalhando lá como mecânico, com uma empreiteira de Bueno Brandão (do final da década de 50 até 1962). Ao voltar, construiu sua própria oficina, casou-se e teve 3 filhos. Apesar de ter concluído apenas o primário, era um entusiasta dos estudos e mantinha em sua casa uma biblioteca que, se não a única, era a maior da cidade na época.

Seu inseparável "jipe" andava cheio de crianças. Sempre simples e solidário, preocupava-se com a formação delas e dos adolescentes. Nos anos 60, fundou o time de futebol "Vasquinho".

Para ter um lugar na equipe, era preciso dedicação aos estudos. Paulão foi um incentivador de talentos, formando excelentes mecânicos e moldando o caráter de muitos jovens.

Tocava violão e cantava muito bem. Sua casa, com vários instrumentos musicais, era palco de saraus e rodas de boemia, com os amigos sempre presentes. Faleceu em 2005 mas, até hoje, próximo ao seu aniversário de nascimento, 10 de junho, realiza-se “O Tributo ao Negão”, um momento para reviver seus ideais humanistas e suas lembranças, sempre com boa música e alegria: tudo o que o Paulão gostava. E nós também!



**Pesquisa dos alunos Luis Tadeu Guimarães Rosa  
e Juliana Guimarães Rosa - 4º Ano  
Professora Silvana Aparecida Noveti Oliveira  
Escola Municipal  
Professor Paulo José Andery**

*E você, gosta de livros, de cantar e tocar violão  
como o Paulão gostava?*



*Então vamos combinar uma coisa?  
As histórias que seus avós e  
seus pais lhe contarem,  
você escreve e nos envia.  
Assim, no próximo livrinho,  
teremos outras histórias novas,  
diferentes e curiosas para contar!*

*Você pode enviar através do email:  
[cultura@buenobrandao.mg.gov.br](mailto:cultura@buenobrandao.mg.gov.br)  
ou ainda entregar na prefeitura,  
aos cuidados do  
Departamento de Cultura.*

**OUVIR ALGUÉM CONTAR HISTÓRIAS  
É DIVERTIDO. CONTAR HISTÓRIAS  
PARA OS OUTROS TAMBÉM!  
NA BIBLIOTECA MUNICIPAL HÁ LIVROS  
COM HISTÓRIAS INCRÍVEIS. APROVEITE!**

